



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

REQUERIMENTO NÚMERO 0147 /17.

AUTOR: Vereador ELIAS CHEDIEK

DESPACHO:

À COMISSÃO DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E REDAÇÃO.

Araraquara, 02 MAR. 2017



Presidente

Requeiro, nos termos do Artigo 211- A, do Regimento Interno, que fique constando nos anais desta Casa de Leis, a matéria publicada no Jornal A Cidade, em sua edição **CIDADES**, de 02 de março de 2017, sob o Título “**A alta costura de seu Paiva**”.

Dê-se conhecimento desta deliberação ao jornal e ao Jornalista Willian Oliveira.

Sala de sessões “Plínio de Carvalho” 02 de março de 2017.


ELIAS CHEDIEK
Vereador

Aprovado
Araraquara, <u>11 ABR. 2017</u>
_____ Presidente

CIDADES

A alta costura de seu Paiva

Alfaiate de 82 anos é um resistente da profissão: começou aos 8 anos e não parou mais

WILLIAN OLIVEIRA
Especial para o A Cidade

Francisco de Paiva Lima Júnior tem 82 anos e uma disposição de dar inveja a qualquer um. É alfaiate há 74 anos e há mais de cinco décadas no mesmo lugar – uma pequena portinha na rua Antônio Lourenço Corrêa, na Vila Xavier.

“Quando eu cheguei aqui, metade da Vila não existia. A rua de baixo (rua 13 de Maio) terminava na esquina, em um bambuzal enorme”, lembra.

Seu Paiva é alfaiate de alta costura masculina – um dos últimos e talvez o mais antigo de Araraquara. A moda da roupa pronta derrubou a costura sob medida. A profissão foi se extinguindo, mas ele resistiu. “A alfaiataria já acabou, eu é que sou teimoso”, brinca.

A carreira começou cedo, aos 8 anos, como aprendiz de um japonês que se mudou para o Brasil no começo do século passado. “Seu Keiti Sato veio de Tóquio para Santos e, depois, para Araraquara. Todo dia, quando saía da escola, eu ia direto pra lá, curioso para vê-lo trabalhando como alfaiate. Um dia, perguntou se eu queria aprender. De lá para cá, não parei mais”, conta.

Dedicado e metódico, seu Paiva abre mão

das evoluções tecnológicas, mantém sua alfaiataria com equipamentos antigos e muito bem conservados. O ferro de passar, que pesa cerca de três quilos, tem mais de 70 anos. A resistência para o equipamento não é mais fabricada há quase duas décadas. “Ferro de passar tem que ser assim, pesado. Ele assenta melhor o tecido e define as linhas com mais facilidade”, ensina.

A máquina de costura é outra raridade da qual ele não abre mão: chega a passar quatro horas por dia sentado, costurando principalmente calças sociais, ternos e coletes. Um terno completo pode custar, em média, R\$ 700. Leva quatro dias para ficar pronto e, segundo Paiva, quem compra sob medida nunca mais passa em uma loja novamente. “É uma roupa completamente diferente. Ela se molda ao corpo, mostra personalidade e elegância de quem usa”, argumenta.

Elegância que, segundo seu Paiva, acabou. “Não existe mais elegância. Hoje, as pessoas se vestem muito mal. No meu tempo, você não entrava no Clube 27 de Outubro, por exemplo, sem terno e gravata”, relembra. “Aí, nas ruas, você vê cada barbaridade... Outro dia passou aqui um rapaz de short amarelo e camiseta vermelha que quase enfartei”, lembra.

Apesar de tudo, seu Paiva brinca que vai trabalhar “só mais 30 ou 40 anos”. E quem o vê hoje, aos 82 anos, não duvida.



HISTÓRIA Seu Paiva e seu inseparável ferro de passar e na alfaiataria da rua Antônio Lourenço Corrêa



PARA O CLIENTE, UM PEDIDO: PACIÊNCIA

Pensando em se tornar cliente do seu Paiva?

Aviso: é preciso ter paciência. Depois de prontas, as roupas ainda passam por pelo menos duas provas antes de serem entregues. “Eu faço questão de terminar o terno, a calça ou o que for no corpo da pessoa. É nessa hora que você faz os aromates de caimento que vão dar conforto para quem usa e chamar a atenção de quem olha”, explica. Esse cuidado todo com o trabalho fez seu Paiva se destacar e ajudou o profissional a criar os seis filhos – nenhum quis percorrer o caminho das linhas e tesouras.

O profissional criou seis filhos e fez questão que nenhum deles seguisse os caminhos percorridos pela tesoura do pai. “Eu não estudei nada, mas, graças a Deus, todos os meus filhos são formados e estão muito bem de vida”, orgulha-se.

Mas a presença da família fica fora da alfaiataria – nem a mulher, que é costureira, participa do trabalho. “Ela é excelente profissional, fez ótimos cursos de costura, tem um trabalho impecável, mas negócios a parte”, avisa.

147

A TÉCNICA DO MINEIRINHO

Nos anos 1960, seu Paiva conheceu o famoso alfaiate Aníbal Martins, o Mineirinho, que havia criado um método próprio de corte que deixou o araraquarense encantado. “Eu fiquei meses guardando o dinheiro para pagar o parto da minha primeira filha, há 55 anos. Mas, quando vi o livro [do Mineirinho], fiquei louco para comprar”, conta. “Fui o único da cidade que comprou. Depois, saí correndo, desesperado, atrás dos irmãos para emprestar o dinheiro para pagar o parto”, lembra. Do livro ele tirou todas as lições que precisava para aperfeiçoar seu trabalho. “Esse corte proporciona o melhor caimento que eu já vi. Se ajusta bem no corpo, não deixa falha”, defende o alfaiate.